J. I. Packer

# O "ANTIGO" EVANGELHO

## Um Desafio para Redescobrir o Evangelho Bíblico



# O "ANTIGO" EVANGELHO

**Um Desafio para Redescobrir o Evangelho Bíblico**

## J. I. Packer

Ensaio Introdutório ao livro de John Owen
A Morte da Morte na Morte de Cristo
Editora Fiel, 2ª edição, 1992
Título original: Introductory Essay to John Owen's
The Death of Death In The Death of Christ
Conversão para texto, revisão e formatação:
SusanaCap

# I

## O REDESCOBRIMENTO DO EVANGELHO*

*A Morte da Morte na Morte de Cristo* é uma obra polêmica, cujo intuito é mostrar, entre outras coisas, que a doutrina da redenção universal é antibíblica e destrutiva para o evangelho. Há muitos para quem, provavelmente, ela não se reveste de qualquer interesse. Aqueles que não vêem necessidade de precisão doutrinária e nem têm tempo para os debates teológicos que mostram haver divisões entre os chamados evangélicos, bem poderão lamentar esta edição. Outros poderão achar que o próprio som da tese de Owen é tão chocante que até mesmo se recusem a ler seu livro, mostrando assim seu preconceito causado por uma paixão pelas suas próprias suposições teológicas. Porém, esperamos que esta edição chegue às mãos de leitores dotados de espírito diferente. Hoje em dia há sinais de um renovado interesse pela teologia da Bíblia — uma nova disposição em submeter a teste as tradições, para pesquisar as Escrituras e para meditar sobre as questões da fé. É para quem compartilha dessa disposição que o tratado de Owen é dirigido, na crença de que nos ajudará em uma das mais urgentes tarefas que desafiam a cristandade evangélica atual — a recuperação do evangelho, ou melhor, o seu redescobrimento.

Esta última observação pode deixar alguns em atitude defensiva; mas parece ser confirmada pelos fatos.

Não há dúvida de que o mundo evangélico de nossos dias encontra-se em um estado de perplexidade e flutuação. Em questões como na prática do evangelismo, no ensino sobre a santidade, na edificação da vida das igrejas locais, na maneira dos pastores

---

* Este livreto trata-se de um ensaio introdutório editado com a obra total de John Owen, intitulada "A Morte da Morte na Morte de Cristo". Será lançado pela Editora Fiel um volume condensado daquela valiosa obra de John Owen, originalmente escrita no 17° século.

tratarem com as almas e exercerem a disciplina há evidências de uma insatisfação generalizada com as coisas conforme elas estão, bem como de uma insatisfação geral acerca do caminho à frente. Esse é um fenômeno complexo, para o qual muitos fatores têm contribuído. Porém, se descermos até à raiz da questão, descobriremos que essas perplexidades, em última análise, devem-se ao fato que temos perdido de vista o evangelho bíblico. Sem o percebermos, durante os últimos cem anos temos trocado o evangelho por um substitutivo que, embora lhe seja semelhante quanto a determinados pormenores, trata-se de um produto inteiramente diferente. Daí surgem as nossas dificuldades; pois o produto substitutivo não corresponde às finalidades para os quais o evangelho autêntico do passado mostrou-se tão poderoso. O novo evangelho fracassa notavelmente em produzir reverência profunda, arrependimento profundo, humildade profunda, espírito de adoração e preocupação pela situação da Igreja. Por quê? Cumpre-nos sugerir que a razão jaz em seu próprio caráter e conteúdo.

Não leva os homens a terem pensamentos centrados em Deus, temendo-O em seus corações, mesmo porque, primariamente, não é isso que o novo evangelho procura fazer. Uma das maneiras de declararmos a diferença entre o novo e o antigo evangelho é afirmar que o novo preocupa-se por demais em "ajudar" o homem — criando nele paz, consolo, felicidade e satisfação — e pouco demais em glorificar a Deus.

O antigo evangelho também prestava "ajuda" — mais do que o novo, na realidade. Mas fazia-o apenas incidentalmente — visto que sua preocupação primária sempre foi a de glorificar a Deus. Era sempre e essencialmente uma proclamação da soberania divina em misericórdia e juízo, uma convocação para os homens prostrarem-se e adorarem ao todo-poderoso Senhor de quem os homens dependem quanto a todo bem, tanto no âmbito da natureza quanto no âmbito da graça. Seu centro de referência era Deus, sem a mínima ambigüidade. Porém, no novo evangelho o centro de referência é o homem. Isso é a mesma coisa que dizer que o antigo evangelho era *religioso* de uma maneira que o novo evangelho não o

é. Enquanto que o alvo principal do antigo era ensinar os homens a adorarem a Deus, a preocupação do novo parece limitar-se a fazer os homens sentirem-se melhor. O assunto abordado pelo antigo evangelho era Deus e os Seus caminhos com os homens; e o assunto abordado pelo novo é o homem e a ajuda que Deus lhe dá. Nisso há uma grande diferença. A perspectiva e a ênfase inteiras da pregação do evangelho se alteraram.

Dessa mudança de interesses originou-se a mudança de conteúdo, pois o novo evangelho na realidade reformulou a mensagem bíblica no suposto interesse da prestação de "ajuda" ao homem. De acordo com isso, não são mais pregadas verdades bíblicas tais como a incapacidade natural do homem em crer, a eleição divina e gratuita como a causa final da salvação, e a morte de Cristo especificamente pelas Suas ovelhas. Essas doutrinas, segundo o novo evangelho, não "ajudam" o homem; mas antes, contribuem para levar os pecadores ao desespero, sugerindo-lhes que eles não podem salvar-se, através de Cristo, pela sua própria capacidade. (Nem é considerada a possibilidade desse desespero ser salutar; antes, é aceito como ponto pacífico que o mesmo não é saudável, visto que destroçaria a nossa auto-estima.) Sem importar exatamente como seja a questão (falaremos mais a esse respeito, mais adiante), o resultado dessas omissões é que apenas uma parcela do evangelho bíblico está sendo pregada como se fosse a totalidade do mesmo; e, uma meia-verdade que se mascara como se fosse a verdade inteira torna-se uma mentira completa. Assim, apelamos aos homens como se eles todos tivessem a capacidade de receber a Cristo a qualquer momento. Falamos sobre a Sua obra remidora como se Ele nada mais tivesse feito do que morrer para capacitar-nos a nos salvarmos, mediante o nosso crer. Falamos sobre o amor de Deus como se isso não fosse mais do que a disposição geral de receber qualquer um que queira voltar-se para Deus e confiar nEle. E retratamos o Pai e o Filho não como soberanamente ativos em atrair a Eles os pecadores, mas como se Eles se mantivessem em quieta impotência, "à porta do nosso coração", esperando nossa permissão para entrar. É inegável que é dessa maneira que andamos pregando; e talvez seja assim que

cremos. Porém, cumpre-nos dizer decisivamente que esse conjunto de meias-verdades distorcidas é algo totalmente diverso do evangelho bíblico. A Bíblia é contra nós, quando pregamos dessa maneira; e o fato que tal pregação tornou-se a prática quase padronizada entre nós serve apenas para demonstrar quão urgente se tornou que revisássemos toda a questão.

Redescobrir o antigo, autêntico e bíblico evangelho, e fazer nossa pregação e nossa prática ajustarem-se ao mesmo, talvez seja a nossa mais premente necessidade atual. E é precisamente nesse ponto que o tratado da Owen sobre a redenção nos pode ser útil.

## II

"Mas, espere um minuto", diz alguém, "está certo falar dessa maneira sobre o evangelho. Mas certamente o que Owen está fazendo é defendendo a expiação limitada — um dos cinco pontos básicos do calvinismo. Quando você fala em redescobrir o evangelho, o que você quer dizer não é que todos nós nos devemos tornar calvinistas?"

Essas questões são dignas de serem consideradas, porque, sem dúvida, elas ocorrem a muitas pessoas. Ao mesmo tempo, porém, são questões que refletem grande dose de preconceito e ignorância. "Defender a expiação limitada" — como se isso fosse tudo quanto a teologia reformada, ao expor o âmago do evangelho, quisesse, realmente, fazer! "Você apenas quer que todos nós nos tornemos calvinistas" — como se os teólogos reformados não tivessem outro interesse além de recrutar indivíduos para o seu partido, ou como se alguém tornar-se um calvinista fosse o último estágio da depravação teológica, e nada tivesse a ver com o evangelho.

Antes de responder diretamente a essas indagações, teremos de tentar remover os preconceitos que subjazem às mesmas, deixando claro o que o calvinismo realmente significa. E, assim

sendo, queremos solicitar do leitor que tome nota dos seguintes fatos de natureza histórica e teológica a respeito do calvinismo em geral, e dos "cinco pontos", em particular. Em primeiro lugar, deve-se observar que os "cinco pontos do calvinismo", assim chamados, são simplesmente a resposta calvinista aos cinco pontos do manifesto (The Remonstrance — A Representação) apresentado por certos "belgas semi-pelagianos", nos começos do século XVII. [1] A teologia ali contida (conhecida na história como arminianismo) originou-se de dois princípios filosóficos: primeiro, que a soberania divina é incompatível com a liberdade humana, e, portanto, também com a responsabilidade humana; em segundo lugar, que habilidade é algo que limita a obrigação. (A acusação de semi-pelagianismo ficou assim justificada.) Com base nesses princípios, os arminianos extraíram duas deduções; primeira, visto que a Bíblia considera a fé como um ato humano livre e responsável, ela não pode ser causada por Deus, mas é exercida independentemente dEle; segunda, visto que a Bíblia considera a fé como obrigatória da parte de todos quantos ouvem o evangelho, a capacidade de crer deve ser universal. Portanto, eles afirmam, as Escrituras devem ser interpretadas como se ensinassem as seguintes posições:

(1) O homem nunca é de tal modo corrompido pelo pecado que não possa crer salvaticiamente no evangelho, uma vez que este lhe seja apresentado; e

(2) o homem nunca é de tal modo controlado por Deus que não possa rejeitá-Lo.

(3) A eleição divina daqueles que serão salvos alicerça-se sobre o fato da previsão divina de que eles haverão de crer, por sua própria deliberação.

(4) A morte de Cristo não garantiu a salvação para ninguém, pois não garantiu o dom da fé para ninguém (e nem mesmo existe tal dom); o que ela fez foi criar a possibilidade de salvação para todo aquele que crê.

---

[1] Owen, *Works* (Obras), ed. Goold, x.6

(5) Depende inteiramente dos crentes manterem-se em um estado de graça, conservando a sua fé; aqueles que falham nesse ponto, desviam-se e se perdem. Dessa maneira, o arminianismo faz a salvação do indivíduo depender, em última análise, do próprio homem, pois a fé salvadora é encarada, do princípio ao fim, como obra do homem, pertencente ao homem e nunca a Deus.

O Sínodo de Dort foi convocado em 1618 a fim de manifestar-se sobre essa teologia, e os "cinco pontos do calvinismo" representam suas contra-afirmações. Esses cinco pontos originam-se de um princípio inteiramente diferente — o princípio bíblico de que "a salvação vem do Senhor" (Jonas 2:9). Esses cinco pontos podem ser sumariados como segue: (1) O homem decaído, em seu estado natural, não tem capacidade alguma para crer no evangelho, tal como lhe falta toda a capacidade para dar crédito à lei, a despeito de toda indução externa que sobre ele possa ser exercida. (2) A eleição de Deus é uma escolha gratuita, soberana e incondicional de pecadores, como pecadores, para que venham a ser redimidos por Cristo, para que venham a receber fé e para que sejam conduzidos à glória. (3) A obra remidora de Cristo teve como sua finalidade e alvo a salvação dos eleitos. (4) A obra do Espírito Santo, ao conduzir os homens à fé, nunca deixa de atingir o seu objetivo. (5) Os crentes são guardados na fé e na graça pelo poder inconquistável de Deus, até que eles cheguem à glória. Esses cinco pontos têm sido convenientemente indicados pela palavra mnemônica TULIP: Total depravação, Uma eleição incondicional, Limitada expiação, Irresistível graça e Perseverança dos santos.

Ora, temos aqui duas interpretações coerentes do evangelho bíblico, que fazem oposição uma à outra. A diferença entre elas não é primariamente uma questão de ênfase, mas de conteúdo. Uma delas proclama um Deus que salva; a outra alude a um Deus que permite o homem salvar a si mesmo. O primeiro desses pontos de vista apresenta os três grandes atos da Santa Trindade na recuperação da humanidade perdida — eleição por parte do Pai, redenção por parte do Filho, chamada por parte do Espírito Santo — como sendo dirigidos às mesmas pessoas, garantindo infalivelmente

a salvação delas. Mas, o outro ponto de vista empresta a cada um desses atos uma referência diferente (o objeto da redenção seria a humanidade inteira, os objetos da chamada seriam aqueles que ouvem o evangelho, e os objetos da eleição seriam aqueles que correspondem a essa chamada), e nega que a salvação de qualquer pessoa seja garantida por qualquer desses atos. Essas duas teologias, assim sendo, concebem o plano da salvação em termos inteiramente diferentes. Uma delas faz a salvação depender da obra de Deus, e a outra faz a salvação depender da obra do homem. Uma delas considera a fé como parte do dom divino da salvação, mas a outra pensa que a fé é a contribuição do homem para a sua salvação. Uma delas atribui a Deus toda a glória pela salvação dos crentes, mas a outra divide as honras entre Deus, que, por assim dizer, construiu o maquinismo da salvação, e o homem, que põe esse maquinismo em funcionamento quando crê. Não há dúvida de que essas diferenças são importantes, e o valor permanente dos "cinco pontos", como um sumário do calvinismo, é que eles deixam claro os pontos em que divergem e a extensão da divergência entre os dois conceitos.

Entretanto, não seria correto meramente equiparar o calvinismo com os "cinco pontos". Os cinco pontos explicativos, que alistamos a seguir, deixarão isso mais claro.

Em primeiro lugar, o calvinismo é algo muito mais amplo do que parecem indicar os "cinco pontos". O calvinismo é um ponto de vista universal, derivado de uma clara visão de Deus como o Criador e Rei do mundo inteiro. O calvinismo é a tentativa coerente de reconhecer o Criador como o Senhor, Aquele que faz todas as coisas segundo o conselho da Sua vontade. O calvinismo é uma maneira teocêntrica de pensar acerca da vida, sob a direção e controle da própria Palavra de Deus. Em outras palavras, o calvinismo é a teologia da Bíblia vista da perspectiva da Bíblia — a visão teocêntrica que vê o Criador como a origem, o meio e o fim de tudo quanto existe, tanto no âmbito da natureza quanto no âmbito da graça. O calvinismo, assim sendo, reflete o teísmo (a crença em Deus como o fundamento de todas as coisas), reflete a religião (a dependência a Deus como o doador de todas as coisas), e reflete a

posição evangélica (a confiança em Deus através de Cristo, para todas as coisas), tudo na sua forma mais pura e mais altamente desenvolvida. O calvinismo é uma filosofia unificada da história, que encara a inteira diversidade de processos e eventos que têm lugar no mundo de Deus, como nada mais e nada menos do que a concretização de Seu grandioso plano preordenado, visando Suas criaturas e Sua Igreja. Os cinco pontos asseveram precisamente que Deus é soberano quando salva o indivíduo; mas o calvinismo, como tal, preocupa-se com assertivas muito mais amplas, acerca do fato que Deus é soberano em tudo.

E, em segundo lugar, os "cinco pontos" apresentam a soteriologia calvinista em forma negativa e polêmica, ao passo que o calvinismo, propriamente dito, é essencialmente expositivo, pastoral e construtivo. Pode definir a sua posição em termos das Escrituras sem qualquer alusão ao arminianismo, e não precisa viver combatendo perenemente a arminianos reais ou imaginários a fim de manter-se vivo. O calvinismo não se interessa por questões negativas, como tais; e, quando o calvinismo entra em luta, luta por causa de valores evangélicos positivos. O arcabouço negativo dos "cinco pontos" é ilusório, principalmente no que concerne ao terceiro ponto (expiação limitada ou redenção particular), que com freqüência é lido dando-se ênfase ao adjetivo, como se indicasse que os calvinistas têm um interesse todo especial em confinar os limites da misericórdia divina. Na verdade, entretanto, o propósito dessa fraseologia, conforme veremos adiante, é salvaguardar a afirmação central do evangelho — o fato que Cristo é um Redentor que realmente redime. Por semelhante modo, as negações de uma eleição que é condicional e de uma graça que é resistível, têm por escopo salvaguardar a verdade positiva de que Deus é quem salva. As reais negações são as do arminianismo, o qual nega que a eleição, a redenção e a chamada sejam atos salvatícios de Deus. O calvinismo rejeita essas negações a fim de asseverar o conteúdo positivo do evangelho, com o propósito positivo de fortalecer a fé e edificar a Igreja.

Em terceiro lugar, o próprio fato que a soteriologia calvinista é exposta sob a forma de cinco pontos distintos (um número devido, conforme já explicamos, meramente ao fato de haver cinco pontos arminianos para serem respondidos pelo Sínodo de Dort) tende por obscurecer o caráter orgânico do pensamento calvinista sobre a questão. Pois esses cinco pontos, apesar de declarados em separado, na verdade são indivisíveis uns dos outros. Eles dependem uns dos outros; ninguém pode rejeitar um deles sem rejeitar a todos, pelo menos no sentido tencionado pelo Sínodo de Dort. Para o calvinismo, na realidade só há *um* ponto a ser enfatizado no campo da soteriologia: o ponto que *Deus salva pecadores. Deus* — o Jeová Triúno, Pai, Filho e Espírito Santo; três pessoas trabalhando em conjunto, em sabedoria, poder e amor soberanos, a fim de realizar a salvação de um povo escolhido. O Pai escolhendo, o Filho cumprindo a vontade do Pai de remir, e o Espírito Santo executando o propósito do Pai e do Filho mediante a renovação do homem. *Salva* — Ele faz tudo, do começo ao fim, tudo quanto é mister para levar os homens da morte no pecado à vida em glória: Ele planeja, realiza e transmite a redenção, e também chama e conserva, justifica, santifica e glorifica. *Os pecadores* — homens conforme Deus os encontra, isto é, culpados, vis, impotentes, incapazes de levantar um dedo a fim de cumprirem a vontade de Deus ou melhorarem a sua porção espiritual. *Deus salva pecadores* — e a força dessa confissão não pode ser enfraquecida pelo rompimento da unidade da obra da divina Trindade, ou por dividir a efetivação da salvação entre Deus e o homem, como se a parte decisiva fosse a humana, ou por suavizar a incapacidade do pecador, de tal maneira que ele mereça ser louvado, juntamente com o Salvador, por sua própria salvação. Esse é o grande ponto da soteriologia calvinista que os "cinco pontos" buscam estabelecer, e que é negado pelo arminianismo, em todas as suas formas: a saber, que os pecadores não podem salvar a si mesmos em qualquer sentido, porquanto a salvação, do começo ao fim, em sua totalidade, no passado, no presente e no futuro, vem do Senhor, a quem cabe toda a glória para sempre. Amém.

Isso leva-nos à nossa quarta observação, que é a seguinte: a fórmula de cinco pontos obscurece a profundidade da diferença entre a soteriologia calvinista e a soteriologia arminiana. Não parece haver dúvidas que isto tem desviado a muitos. Na fórmula dos cinco pontos, a ênfase recai sobre o adjetivo, e isso, naturalmente, causa a impressão de que no tocante aos três grandes atos salvadores de Deus o debate gira em torno apenas dos adjetivos — que ambos os lados concordam sobre o que significam a eleição, a redenção e o dom da graça interior, diferindo somente quanto à posição do homem em relação aos mesmos: se o primeiro é condicionado à fé prevista ou não; se o segundo tenciona a salvação de todos os homens ou não; se o terceiro sempre mostra-se invencível ou não. Porém, esse é um conceito inteiramente errado. A mudança de adjetivo, em cada caso, envolve a mudança de sentido do substantivo. Uma eleição que é condicional, uma redenção que é universal e uma graça interior que é resistível, não é a mesma forma de eleição, redenção e graça interior que o calvinismo afirma. A questão central, portanto, não diz respeito a se os adjetivos são adequados ou não, e, sim, qual a definição dos substantivos. Ambos os lados da polêmica percebiam isso claramente quando a controvérsia teve início, sendo importante que também possamos perceber tal coisa, pois, de outro modo, não existe nenhuma razão ou base para o debate calvinismo-arminianismo. Vale a pena estabelecer as diferentes definições, lado a lado.

(i) O ato divino da eleição foi definido pelos arminianos como a resolução de receber na filiação e na glória uma classe devidamente qualificada de pessoas — os crentes em Cristo.[2] Isso reduz-se a uma resolução de receber indivíduos somente em virtude de ter previsto o fato contingente de que eles, por si mesmos, haveriam de crer. Nada haveria no decreto da eleição para assegurar que existiria algum habitante na Nova Jerusalém; no arminianismo,

[2] Mais quaisquer outros que, embora não tendo ouvido o evangelho, viveram de acordo com a luz que tiveram — mas este ponto não precisa ser exposto neste ensaio.

Deus não determina que qualquer homem em particular venha a crer. Os calvinistas, entretanto, definem a eleição como a escolha de pessoas específicas, sem méritos, para serem salvas do pecado e conduzidas à glória, e, com essa finalidade, serem redimidas mediante a morte de Cristo, recebendo fé através da chamada eficaz do Espírito Santo. Enquanto o arminiano diz: "Devo minha eleição à minha fé", o calvinista diz: "Devo a minha fé à minha eleição". Sem dúvida, esses dois conceitos da eleição são diametralmente opostos.

(ii) A obra remidora de Cristo foi definida pelos arminianos como a remoção de um obstáculo (as reivindicações não-satisfeitas da justiça) que havia no caminho da oferta divina do perdão aos pecadores, conforme Ele desejava fazê-lo, sob a condição de que eles cressem. Ainda de acordo com o arminianismo, a redenção assegurou para Deus o direito de fazer essa oferta, mas não garantiu por si mesma que qualquer indivíduo viria a aceitá-la; pois a fé, sendo obra do próprio homem, não é um dom que lhe seja dado com base no Calvário. A morte de Cristo criou a oportunidade para o exercício da fé salvadora, mas isso foi tudo quanto ela conseguiu. Os calvinistas, porém, definem a redenção como o real ato vicário de Cristo, mediante o qual Ele suportou a pena do pecado no lugar de certos pecadores específicos, e através desse ato Deus reconciliou-se com eles, tendo sido eternamente anulada a punição que eles mereciam receber, tendo-lhes sido garantido o direito à vida eterna. Em conseqüência disso, agora, aos olhos de Deus, têm eles o direito ao dom da fé, como meio de entrada no aprazimento da herança deles. Em outras palavras, o Calvário não apenas possibilitou a salvação daqueles por quem Cristo morreu; mas também garantiu que eles seriam conduzidos à fé e que a salvação deles realizar-se-ia. A cruz *salva.* Quando os arminianos meramente dizem: "Eu não poderia ter obtido a minha salvação sem o Calvário", os calvinistas asseveram: "Cristo obteve para mim a minha salvação no Calvário". Os primeiros fazem da cruz o *sine qua non* da salvação; os últimos vêem a cruz como a real causa eficiente da salvação, derivando cada bênção espiritual, com inclusão da própria fé, da grande transação

efetuada entre Deus e o Seu Filho, e cumprida na colina do Calvário. Claramente, esses dois conceitos de redenção estão em desacordo.

(iii) O dom da graça interior, dado pelo Espírito Santo, foi definido pelos arminianos como uma "persuasão moral", a mera concessão da compreensão da verdade divina. Isso, eles admitiam — de fato, insistiam — por si mesmo não assegura que alguém chegará a corresponder com a fé. Os calvinistas, porém, definem esse dom não como mera iluminação, mas também como uma operação regeneradora de Deus nos homens, "tirando-lhes o seu coração de pedra e conferindo-lhes um coração de carne; renovando-lhes a vontade, e, por Seu todo-poderoso poder, dirigindo-os para aquilo que é bom; e atraindo-os eficazmente para Jesus Cristo; e, no entanto, vindo eles de forma perfeitamente voluntária, *tendo sido inclinados a isso pela graça divina*". [3] A graça divina mostra-se irresistível, precisamente porque destrói a disposição do homem à resistência. Por conseguinte, onde os arminianos contentam-se em dizer: "Resolvi aceitar a Cristo", ou então: "Me decidi por Cristo", os calvinistas preferem referir-se à sua conversão em termos mais teológicos, deixando claro quem, realmente, fez a obra:

"Enquanto preso o espírito jazia
Nas sombras do pecado que seduz;
Com Teu olhar a noite fez-se dia,
E despertando vi a masmorra em luz.
Caíram-me as algemas, livre me senti,
E pondo-me de pé eu logo Te segui". [4]

3 Confissão de Fé de Westminsier, x.l.

4 Charles Wesley escreveu este hino; mas é uma entre várias passagens de seus hinos que faz-nos indagar, junto com o Rabi Dun-can: "Onde está o seu arminianismo agora, amigo?"

Como é evidente, essas duas noções a respeito da graça interior são totalmente contrárias uma à outra.

Ora, os calvinistas asseveram que a idéia arminiana da eleição, da redenção e da chamada, como atos de Deus que não salvam, corta pela raiz o próprio cerne do sentido bíblico. Assim, dizer, no sentido arminiano, que Deus elege os crentes, que Cristo morreu por todos os homens, e que o Espírito vivifica aqueles que recebem a palavra, realmente é dizer que, no sentido bíblico, Deus a ninguém elege, que Cristo por ninguém morreu, e que o Espírito Santo a ninguém vivifica. A questão em foco nessa controvérsia, por conseguinte, é o sentido dado a esses termos bíblicos, bem como a outros termos soteriologicamente significativos, tais como o amor de Deus, o pacto da graça e o próprio verbo "salvar", com seus sinônimos. Os arminianos emprestam a todos eles o sentido que a salvação não depende diretamente de qualquer decreto ou ato de Deus, mas da atividade independente do homem, ao crer. Os calvinistas asseguram que esse princípio em si não é bíblico nem religioso, e tal aplicação perverte, de forma demonstrável, o sentido das Escrituras e solapa o evangelho em cada ponto onde o mesmo é aplicado. A controvérsia arminiana gira em torno de nada mais do que isso.

Há ainda um quinto aspecto de acordo com o qual a fórmula de cinco pontos é deficiente. Sua própria forma (uma série de negações das assertivas arminianas) empresta colorido à impressão de que o calvinismo é uma modificação do arminianismo; que o arminianismo ocupa uma posição primária, na ordem das coisas, e que o calvinismo desenvolveu-se como um rebento proveniente do arminianismo. E mesmo quando se demonstra que essa conclusão é falsa, diante da história, permanece de pé a suspeita, em muitas mentes, de que essa é a verdadeira explicação da relação entre esses dois pontos de vista. Supõe-se de modo geral que o arminianismo (que, conforme temos visto até esta altura, corresponde perfeitamente ao novo evangelho de nossos próprios dias) resulta da leitura das Escrituras de uma maneira "natural", sem preconceitos e sofisticações, e que o calvinismo é um desenvolvimento desnatural,

menos produto dos próprios textos sagrados do que da lógica profana que se alicerça nos textos bíblicos, distorcendo o sentido claro dos mesmos e perturbando-lhes o equilíbrio, ao forçá-los para dentro de um arcabouço sistemático que a própria Bíblia não ensina. Apesar de que isso possa exprimir uma verdade acerca de alguns calvinistas, nada poderia estar mais afastado da verdade, no tocante a uma generalização do calvinismo.

Certamente, o arminianismo é "natural" em certo sentido, isto é, que representa uma perversão característica do ensino bíblico por parte da mentalidade decaída do homem, que, até no que concerne à salvação, não pode suportar ter de renunciar à ilusão de ser o dono de seu destino e o capitão de sua própria alma. Essa perversão já havia aparecido antes no pelagianismo e no semi-pelagianismo do período patrístico, e, posteriormente, no escolasticismo, tendo reaparecido, desde o século XVII, tanto na teologia católica-romana quanto entre os grupos protestantes, em vários tipos de liberalismo racionalista e dentro do moderno ensino evangélico. Não duvidamos que essa perversão sempre haverá de continuar entre nós, neste mundo. Enquanto a mente humana caída for o que é, a maneira arminiana de pensar continuará a ser um tipo natural de equívoco. Porém, a interpretação arminiana não é natural em qualquer outro sentido. De fato, o calvinismo é que compreende as Escrituras em seu sentido natural, ou, conforme poderíamos afirmar, em seu sentido inescapável. O calvinismo é que sustenta o que a Bíblia realmente diz. O calvinismo é que insiste em levar a sério as assertivas bíblicas de que Deus salva, e que Ele salva àqueles aos quais escolheu para serem salvos, salvando-os através da graça, sem o concurso das obras humanas, de tal maneira que ninguém possa jactar-se, porquanto Cristo lhes é dado como um perfeito Salvador, e que a salvação inteira deles deriva-se da cruz, que a obra remidora deles foi concluída na cruz. É o calvinismo que dá a devida honra à cruz. Assim, quando um calvinista canta:

*"Uma colina verde existe além,*
*Sem ter os muros a lhe rodear*
*Onde o Senhor Jesus, o Sumo Bem,*
*Na cruz morreu para nos salvar.*

*"Pelo nosso pecado Ele morreu,*
*Para fazer bondoso o nosso coração.*
*E para o céu ganharmos, você e eu,*
*Seu sangue deu por nossa salvação",*

ele realmente assim entende as coisas. Ele não diz que o propósito salvador de Deus, na morte de Seu Filho, foi apenas um desejo destituído de eficácia, cujo cumprimento depende da vontade do homem de crer, de tal maneira que, apesar de tudo quanto Deus podia fazer, Cristo poderia ter morrido sem que ninguém fosse salvo. O calvinista, pois, insiste que a Bíblia vê a cruz como a revelação do divino poder de salvar, e não a impotência divina. Cristo não obteve uma salvação hipotética para crentes hipotéticos, uma mera possibilidade de salvação para qualquer indivíduo que quisesse crer. Antes, proveu uma salvação real para todo o Seu povo escolhido. O precioso sangue de Cristo realmente "salva a todos nós"; desse sangue deriva-se o efeito tencionado de Sua auto-oferta, por causa daquilo que a cruz envolve. Seu poder salvador não depende da adição da fé; seu poder salvador é de tal natureza que a fé flui desse poder. A cruz garante a plena salvação de todos aqueles por quem Cristo morreu. "Mas longe esteja de mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo" (Gl. 6:14).

Por esta altura, torna-se clara a real natureza da soteriologia calvinista. Não se trata de alguma extravagância artificial, e nem é o produto de uma lógica excessivamente ousada. A sua confissão central, de que *Deus salva pecadores,* e de que *Cristo redimiu-nos com o Seu sangue,* é o testemunho tanto da Bíblia como de um coração crente. O calvinista é o crente que confessa diante dos homens, em sua teologia, exatamente aquilo que ele crê em seu coração, diante de Deus, quando ora. Ele pensa e fala o tempo todo na graça

soberana de Deus, na maneira como todo o crente faz quando pleiteia em favor das almas alheias, ou quando obedece ao impulso de adorar que surge espontaneamente, impelindo-o a negar a si mesmo qualquer louvor, atribuindo todo o louvor e glória pela sua salvação ao seu Salvador. O calvinismo, portanto, é a teologia natural gravada no coração do homem renovado em Cristo, ao passo que o arminianismo é um pecado do intelecto enfermo, sendo natural somente no sentido que todos os pecados dessa ordem são naturais, inclusive no caso do homem regenerado. A maneira calvinista de pensar reflete o crente no seu novo e verdadeiro nível intelectual; a maneira arminiana de pensar reflete o crente que não se manifesta devidamente, por causa da sua fraqueza da carne. O calvinismo é aquilo que a verdadeira Igreja de Cristo sempre defendeu e ensinou, quando sua mente não estava desviada pela controvérsia e pelas tradições falsas, porquanto dava atenção ao que as Escrituras realmente diziam. Esse é o significado do testemunho dos pais da Igreja diante do ensino dos "cinco pontos", testemunho esse que pode ser abundantemente citado. (Owen ajunta algumas dessas citações relativas à redenção; uma coleção bem maior pode ser vista na obra de John Gill, *The Cause of God and Truth* — A Causa de Deus e da Verdade.) Na realidade é um equívoco intitular essa soteriologia de "calvinismo", porque não é uma peculiaridade de John Calvin e dos teólogos de Dort, mas uma parte da verdade revelada por Deus e da fé cristã universal. "Calvinismo" é um daqueles "nomes odiosos" que o preconceito acumulado em séculos tem conferido pejorativamente à posição bíblica. Mas a verdade é que o calvinismo reflete com precisão o evangelho ensinado na Bíblia. [5]

[5] C. H. Spurgeon, pois, estava com toda a razão, ao dizer: "Minha opinião pessoal é que não há tal coisa como a pregação de Cristo, e Este crucificado, a menos que se pregue aquilo que atualmente se chama calvinismo. É um apelido chamar isso de calvinismo; pois o calvinismo é o evangelho, e nada mais. Não creio que possamos pregar o evangelho... a menos que preguemos a soberania de Deus em Sua dispensação da graça; e também a menos que exaltemos o amor eletivo imutável, eterno, inalterável e conquistador de Jeová; como também não penso que possamos pregar o evangelho a menos que o alicercemos sobre a redenção

À luz desses fatos, podemos agora dar uma resposta direta às perguntas com as quais iniciamos este livro.

"Será que tudo quanto Owen está fazendo é defendendo a idéia de uma expiação limitada?" Absolutamente não. Ele está fazendo muito mais do que isso. Falando estritamente, o alvo do livro de Owen não é de modo algum defensivo, e, sim, construtivo. Trata-se de uma inquirição bíblica e teológica; seu propósito é apenas tornar claro aquilo que as Escrituras realmente ensinam sobre o tema central do evangelho — a realização de nosso Salvador. Conforme seu título proclama, trata-se de um "tratado sobre a redenção e reconciliação que há no sangue de Cristo, paralelamente ao seu mérito e à satisfação realizada pelo mesmo". A pergunta que Owen, tal como os mestres de Dort antes dele, realmente procura responder, é apenas esta: no que consiste o evangelho? Todos concordam que o evangelho é a proclamação de Cristo como o Redentor, embora haja disputa quanto à natureza e à extensão da Sua obra remidora. Pois bem, que dizem as Escrituras? qual o alvo e a realização que a Bíblia atribui à obra de Cristo? Isso era o que Owen procurava elucidar. É verdade que ele abordou a questão de uma maneira diretamente polêmica, moldando o seu livro como um argumento contra a "persuasão que se vai espalhando... de um *resgate geral,* a ser pago por Cristo em favor de todos; que ele morreu a fim de remir *a todos e a cada um* ". [6] Porém, sua obra é um tratado expositivo sistemático, e não uma mera contenda episódica. Owen abordou a controvérsia por prover a oportunidade para exibir de modo pleno o relevante ensino bíblico, em sua ordem e conexão apropriadas. Tal como na obra de Hooker, *Laws of Ecclesiastical Polity* (Leis da Norma Eclesiástica), a parte polêmica é incidental e de interesse secundário; o seu valor principal reside no fato que o autor

---

especial e particular de Seu povo eleito e escolhido, que Cristo realizou na cruz; e também não posso compreender um evangelho que permite que os santos apostatem, depois de terem sido chamados". *(Spurgeon's Autobiografphy* — Autobiografia de Spurgeon, vol. 1, cap. XVI, pág. 172.)

[6] *The Death of Death in lhe Dealh of Christ* (A Morte da Morte na Morte de Cristo), pág. 47.

usa a parte polêmica a fim de fomentar seu próprio desígnio, levando avante o seu próprio argumento.

Essencialmente, esse argumento é muito simples. Owen observou que a questão que serviu de motivo de seu escrito — a extensão da expiação — envolve mais a questão acerca da sua natureza, visto que, se foi oferecida para salvar a alguns que, em última análise, perecerão, não pode ter sido uma transação que garante a salvação real de todos aqueles para quem ela foi designada. Todavia, diz Owen, essa é precisamente a espécie de transação ensinada pela Bíblia. Os dois primeiros capítulos do seu tratado consistem em uma maciça demonstração do fato que, de acordo com as Escrituras, a morte de nosso Redentor realmente salva o Seu povo, conforme tinha o propósito de fazer.

O terceiro capítulo consiste em uma série de dezesseis argumentos contra a hipótese de uma redenção universal, todos os quais têm o intuito de demonstrar, por um lado, que as Escrituras referem-se à obra remidora de Cristo como realização eficaz, ficando excluída a idéia de haver sido tencionada para qualquer indivíduo que, finalmente, venha a perecer, e, por outro lado, que se a sua extensão tencionada tivesse sido universal, então *ou* todos seriam salvos (o que é negado pelas Escrituras, e os advogados da "redenção universal" não afirmam), ou *então,* que o Pai e o Filho fracassaram em fazer aquilo que se dispuseram a fazer — o que, no dizer de Owen, "parece ser uma injúria blasfema contra a sabedoria, o poder e a perfeição de Deus, além de anular a dignidade e o valor da morte de Cristo".[7]

Finalmente, no seu quarto capítulo, Owen mostra, com grande coerência, que as três classes de textos que alegadamente provariam que Cristo morreu por indivíduos que não serão salvos (os textos que dizem que Ele morreu pelo "mundo", por "todos", e aqueles que alguns concebem como se ensinassem o perecimento daqueles por quem Ele morreu), não podem estar ensinando tal coisa, à base de

[7] Ibidem.

uma sã exegese; e, além disso, que as inferências teológicas mediante as quais a redenção universal supostamente estaria firmada, na realidade são falazes. A verdadeira avaliação evangélica da reivindicação de que Cristo morreu por cada indivíduo, incluindo até mesmo aqueles que perecem, é ressaltada no livro de Owen ponto após ponto. Longe de magnificar o amor e a graça de Deus, essa reivindicação desonra tanto ao amor de Deus quanto a Ele mesmo, porquanto reduz o amor de Deus a um desejo impotente, e transforma a economia inteira da graça "salvadora" (assim chamada, pois "salvadora", na realidade, é um adjetivo mal aplicado, segundo esse ponto de vista) em um monumental fracasso divino.

Ademais, além de não magnificar o mérito e o valor da morte de Cristo, esse ponto de vista torna-os baratos, pois faz Cristo ter morrido inutilmente. Em último lugar, longe de conceder um encorajamento adicional à fé, esse ponto de vista destrói a base escriturística da segurança eterna, porquanto nega que seja possível o conhecimento de que Cristo morreu por mim (ou fez ou está fazendo qualquer coisa por mim) como base suficiente para dali eu inferir a minha eterna salvação.

De conformidade com esse ponto de vista, a minha salvação depende não do que Cristo fez por mim, mas daquilo que, subseqüentemente, eu puder fazer por mim mesmo. Dessa forma, esse ponto de vista deprecia o amor de Deus e a redenção de Cristo, retirando-lhes a glória que as Escrituras lhes atribuem, além de introduzir um princípio antibíblico de auto-salvação, exatamente no ponto onde a Bíblia diz explicitamente: "... não de obras, para que ninguém se glorie" (Ef. 2:9). É impossível que ambas as coisas prevaleçam ao mesmo tempo: uma expiação de extensão universal é uma expiação depreciada. Tal redenção perde a sua força salvatícia, pois requer que nos salvemos a nós mesmos. A doutrina de uma redenção universal deve ser rejeitada como um perigoso equívoco, conforme Owen também a rejeita. Em contraste, porém, a doutrina exposta por Owen, conforme ele demonstra, é bíblica e honra a Deus. Exalta a Cristo, pois ensina os crentes a gloriarem-se exclusivamente na Sua cruz, extraindo sua esperança e segurança somente da morte

e da intercessão do seu Salvador. Em outras palavras, trata-se de uma posição genuinamente evangélica. Na verdade, esse é o evangelho de Deus e a fé universal da Igreja de Cristo.

Não é exagero dizer que nenhuma exposição comparável a respeito da obra da redenção planejada e executada pelo Trino Jeová fora preparada, desde que Owen publicou o seu livro. Nenhum livro similar foi necessário. Ao discutir sobre esse livro, Andrew Thomson observa como Owen "faz a gente sentir, ao chegar ao final de seu assunto, que ele também o exauriu". [8]

Pode-se demonstrar que esse é o caso aqui. Sua interpretação dos textos é segura; o seu poder de construção teológica é soberbo; coisa alguma é omitida, dentre tudo quanto precisa ser discutido, e (até onde este escritor é capaz de perceber) nenhum argumento favorável ou contrário à sua posição foi jamais usado, desde os dias de Owen, que ele mesmo não tenha observado e ventilado. É em vão que alguém rebusca em seu livro os lapsos e os vôos de lógica mediante os quais, supostamente, os teólogos reformados estabeleceriam a sua posição. Tudo quanto alguém ali encontra é uma exegese sólida, minuciosa, seguindo de perto a maneira bíblica de pensar. A obra de Owen é construtiva, alicerçada sobre uma ampla análise bíblica do coração do evangelho, devendo ser tomada a sério como tal. Talvez não tenha sido escrita como uma espécie de apelo em prol de "suposições" tradicionais, pois ninguém tem o direito de repelir a doutrina da expiação limitada como uma monstruosidade da lógica calvinista enquanto não houver refutado a prova, oferecida por Owen, de que isso faz parte da apresentação bíblica uniforme da redenção, algo claramente ensinado em textos evidentes, um após o outro. E ninguém conseguiu ainda refutá-lo.

"Você falou em redescobrir o evangelho", diz nosso questionador, "e isso não significa apenas que você quer que todos nós nos tornemos calvinistas?"

---

[8] *Life of John Owen* (Vida de John Owen), pág. 38, *Works* (Obras), ed. Goold, 1.

Essa indagação presumivelmente gira não em torno da palavra calvinista, mas da coisa em si. Pouco importa se nos chamamos calvinistas ou não; o que importa é que compreendamos biblicamente o evangelho.

Mas, isso, conforme pensamos, na realidade significa compreendê-lo conforme o tem feito o calvinismo histórico. A alternativa consiste em compreendê-lo mal e distorcê-lo. Dissemos antes que o evangelicalismo moderno, a grosso modo,, tem deixado de pregar o evangelho à moda antiga; e francamente admitimos que o novo evangelho, naquilo em que se desvia do antigo, parece-nos ser uma distorção da mensagem da Bíblia.

E agora podemos perceber o que tem sido erroneamente exposto. Nossa moeda teológica tem sido depreciada. Nossas mentes têm sido condicionadas a pensar sobre a cruz como uma redenção que faz menos do que redimir, e a pensar sobre Cristo como um Salvador que faz menos do que salvar, e a pensar sobre o amor de Deus como um débil afeto, que não pode impedir alguém de cair no inferno, e a pensar sobre a fé como a ajuda humana de que Deus necessita para cumprir os Seus propósitos. Em resultado disso, não mais somos livres para acreditar no evangelho bíblico ou para anunciá-lo. Não podemos acreditar no mesmo, porque os nossos pensamentos são arrebatados nas circunvoluções do sinergismo. Somos perseguidos pela noção arminiana de que se a fé e a incredulidade tiverem de ser atos responsáveis, terão de ser ato.s exclusivamente humanos. E, daí deriva-se a idéia que não somos livres para crer que somos salvos inteiramente pela graça divina, através de uma fé que é dom de Deus e que chega até nós por meio do Calvário. Ao invés disso, ficamos envolvidos em uma estranha maneira de dúbio pensar, acerca da salvação, pois, em um momento, dizemos a nós mesmos que tudo depende de Deus, para, no momento seguinte, dizermos que tudo depende de nós. A confusão mental daí resultante priva Deus de grande parte da glória que Lhe deveríamos atribuir como autor e consumador da salvação, e a nós mesmos do consolo que poderíamos extrair do conhecimento daquilo que Deus fez por nós.

E então, quando passamos a pregar o evangelho, nossos falsos preconceitos nos fazem dizer exatamente o oposto daquilo que tencionávamos. Queremos (e com toda a razão) proclamar Cristo como nosso Salvador. Não obstante, terminamos dizendo que Cristo, após ter tornado possível a nossa salvação, deixou que fôssemos nossos próprios salvadores. E tudo termina dessa maneira. Queremos magnificar a graça salvadora de Deus, bem como o poder salvador de Cristo. E assim declaramos que o amor remidor de Deus abarca todos os homens, e que Cristo morreu para salvar todo homem, e proclamamos que a glória da misericórdia divina deve ser medida através desses fatos. Mas então, a fim de evitarmos o universalismo, somos forçados a depreciar tudo aquilo quanto vínhamos exaltando, passando a explicar que, afinal de contas, nada daquilo que Deus e Cristo fizeram pode salvar-nos, a menos que acrescentemos algo — o fator decisivo que realmente nos salva é o nosso próprio ato de crer. O que dizemos, portanto, resume-se nisto: Cristo salva-nos com a nossa ajuda. E o que isso significa, depois de passar pelo crivo de nosso raciocínio, é o seguinte: salvamo-nos a nós mesmos, com a ajuda de Cristo.

Esse é um anticlímax vazio de significado. Porém, se começarmos afirmando que Deus tem um amor salvatício para todos, e que Cristo morreu para salvar todos, ao mesmo tempo em que repudiamos tornarmo-nos universalistas, nada mais restará para dizermos. Portanto, sejamos claros sobre o que temos feito, após ter exposto a questão dessa maneira. Não temos exaltado a graça divina e nem a cruz de Cristo; antes, temo-las tornado baratas. Teremos limitado a expiação muito mais drasticamente do que o faz o calvinismo. Pois, ao passo que o calvinismo, assevera que a morte de Cristo salva a todos quantos foram predestinados para a salvação, teremos negado que a morte de Cristo, como tal, seja suficiente para salvar qualquer pessoa.[9]

[9] Compare-se isso com o que disse C. H. Spurgeon: "Por muitas vezes nos é dito que limitamos a expiação de Cristo, por dizermos que Cristo não pagou a dívida de todos os homens, ou todos os homens seriam salvos. Ora, a nossa resposta a isso

Teremos lisonjeado a ímpios e impenitentes pecadores, ao assegurar-lhes que eles têm a capacidade de arrependerem-se e crer, embora Deus não possa dar-lhes essa capacidade. Talvez também tenhamos transformado em coisas triviais o arrependimento e a fé, a fim de tornar-se plausível essa certeza ("é tudo muito simples — apenas abra o seu coração para o Senhor...") Por certo, teremos negado da maneira mais eficaz a soberania de Deus, além de havermos solapado a convicção básica da religião cristã — o fato que o homem está sempre nas mãos de Deus. Na verdade, teremos perdido muita coisa. Assim sendo, não admira que a nossa pregação tanto se ressinta de falta de reverência e humildade, e que os nossos professos convertidos mostrem-se tão autoconfiantes e tão deficientes quanto ao conhecimento de si mesmos, bem como nas boas obras que as Escrituras consideram fruto do verdadeiro arrependimento.

É de uma fé e de uma pregação assim degeneradas que o livro de Owen nos quer libertar. Se nós o ouvirmos, ele nos ensinará tanto como crer no evangelho bíblico quanto como devemos pregá-lo. Quanto à fé, ele nos levará a nos prostrarmos diante de um Salvador soberano que realmente salva, louvando-O em face de Sua morte

---

é que, por outro lado, nossos oponentes limitam a expiação de Cristo, e não nós. Os arminianos dizem: Cristo morreu por todos os homens. Perguntemos deles o que querem afirmar com isso. Porventura, Cristo morreu para garantir a salvação de todos os homens? E eles respondem: 'Não, certamente que não'. E então fazemos-lhes a próxima pergunta: E Cristo morreu para garantir a salvação de qualquer indivíduo em particular? E eles respondem com um 'Não'. Eles são forçados a admitir isso, se tiverem de ser coerentes. Eles respondem com um 'não' e ajuntam: 'Cristo morreu para que qualquer homem fosse salvo se...' — e então seguem-se certas condições para a salvação. Ora, quem é que limita a morte de Cristo? São vocês. Vocês dizem que Cristo não morreu para garantir de modo infalível a salvação de qualquer pessoa. Desculpe, mas, nós corrigimos àqueles que dizem que nós limitamos a extensão da morte de Cristo, e dizemos: 'Não, meu caro amigo, você é que está fazendo isso'. Nós dizemos que Cristo morreu de modo a garantir infalivelmente a salvação de uma multidão que ninguém pode enumerar, os quais, através da morte de Cristo, não apenas poderão ser salvos, mas serão realmente salvos, e não poderão deixar de ser salvos, seja de que maneira for. Você gosta de seu ponto de vista sobre a expiação; pode ficar com o mesmo. Mas nunca renunciaremos ao nosso ponto de vista por causa do seu".

remidora, que assegurou que todos aqueles por quem Ele morreu serão conduzidos à glória. Não podemos enfatizar em demasia que não teremos percebido o pleno significado da cruz, enquanto não a tivermos visto conforme os teólogos de Dort a viram — como o centro do evangelho, flanqueada, por um lado, pela total incapacidade humana e pela eleição incondicional, e, por outro lado, pela graça irresistível e pela preservação final. Pois, o completo significado da cruz só aparece quando a expiação é definida nos termos dessas quatro verdades. Cristo morreu a fim de salvar um determinado grupo de impotentes pecadores, aos quais Deus amou com amor gratuito e salvador. A morte de Cristo assegurou a chamada e a preservação — a salvação presente e a salvação final — de todos aqueles cujos pecados Ele levou sobre Si. Esse era e continua sendo o significado do Calvário. A cruz *salvou;* a cruz *salva.* Esse é o âmago mesmo da autêntica fé evangélica. Conforme Cowper entoou:

"*Cordeiro amado, o sangue Teu é vida,*
*E seu poder não perderá jamais,*
*Até que a grei divina redimida*
*Salva então seja e já não peque mais*".

Essa é a triunfante convicção que sublinha o antigo evangelho, tal como faz o Novo Testamento inteiro. E isso é o que Owen nos ensina a crer inequivocadamente. E, em segundo lugar, Owen deseja libertar-nos, se ao menos nos o ouvirmos, para podermos anunciar o evangelho bíblico. Essa assertiva pode parecer paradoxal, pois com freqüência imagina-se que aqueles que não pregam que Cristo morreu a fim de salvar a todos os homens acabam não ficando com evangelho nenhum. Pelo contrário, no entanto, o que resta aos tais é simplesmente o evangelho neotestamentário. O que significa pregar "o evangelho da graça de Deus"? Owen toca nesse ponto apenas de

forma breve e incidental, [10] mas os seus comentários são repletos de luz. Pregar o evangelho, diz-nos ele, não é uma questão de dizer à congregação de ouvintes que Deus concentrou o Seu amor sobre cada um deles, e que Cristo morreu para salvar a cada um deles; pois tais afirmações, quando biblicamente compreendidas, dariam a entender que todos eles serão infalivelmente salvos, e isso não pode ser reconhecido como verdade. O conhecimento de que o indivíduo é objeto do eterno amor de Deus e da morte remidora de Cristo pertence ao campo da segurança do indivíduo, [11] o que, segundo a natureza do caso, não pode anteceder ao exercício da fé salvadora; antes, deve ser inferido do fato que alguém creu, e não que isso foi proposto como razão pela qual alguém deveria crer. De conformidade com as Escrituras, pregar o evangelho é inteiramente uma questão de proclamar aos homens, como verdade divina na qual todos temos a obrigação de crer e de agir em conformidade com ela, os seguintes quatro fatos:

(1) todos os homens são pecadores, nada podendo fazer a fim de salvarem a si mesmos;

(2) Jesus Cristo, o Filho de Deus, é um perfeito Salvador dos pecadores, incluindo os piores dentre eles;

(3) o Pai e o Filho prometeram que todos quantos reconhecerem que são pecadores e puserem fé em Cristo como seu Salvador, serão recebidos no favor divino, e que nenhum dos tais será rejeitado (essa promessa é uma "verdade certa e infalível, alicerçada sobre a superabundante suficiência da oblação de Cristo, em si mesma, para

---

[10] *The Death of Death in the Death of Christ* (A Morte da Morte na Morte de Cristo), págs. 199-204, 292-298.

[11] "Conforme as Escrituras, que significa para o homem o estar seguro de que Cristo morreu por ele em particular? Não é isso a mais elevada melhoria da fé? não inclui isso um senso do amor espiritual de Deus, derramado em nossos corações? Não é isso o clímax da consolação exposta pelo apóstolo (Rm. 8:34), e a base de todo o seu jubiloso senso de segurança (Gl. 2:20)?" (Ibidem, pág. 297).

todos [poucos ou muitos] quantos estão tencionados por Deus para isso"); [12]

(4) Deus fez do arrependimento e da fé um dever, exigindo de cada indivíduo que ouve o evangelho "uma séria e completa dependência da alma a Cristo, dentro da promessa do evangelho, como um Salvador todo-suficiente, capaz de livrar e salvar até às últimas conseqüências aqueles que vêm a Deus por intermédio dEle; disposto, capaz e resolvido, através da preciosidade de Seu sangue e da suficiência de Seu resgate, para salvar todas as almas que se entreguem voluntariamente a Ele, com essa finalidade". [13]

Em outras palavras, a tarefa do pregador é *mostrar Cristo:* explicando a necessidade que o homem tem dEle, a Sua suficiência para salvar, e a Sua oferta de Si mesmo, dentro das promessas bíblicas, como Salvador de todos quantos verdadeiramente voltarem-se para Ele; e mostrar, completa e claramente como essas verdades aplicam-se aos ouvintes reunidos à sua frente. Não compete a ele dizer, e nem aos seus ouvintes indagar, por quem Cristo morreu em particular. "Nenhum dos chamados pelo evangelho chega a indagar qual o propósito e qual a intenção de Deus a respeito do objetivo particular da morte de Cristo, pois todos eles estão plenamente seguros de que a Sua morte será proveitosa para aqueles que nEle crerem e Lhe forem obedientes." Depois que a fé salvadora foi exercida, "compete ao crente assegurar a sua alma — na medida em que ele for achando o fruto da morte de Cristo em si mesmo e em favor de si mesmo — da boa-vontade e do eterno amor de Deus para com ele, ao enviar o Seu Filho para morrer por ele, em particular; [14] mas não antes disso. A tarefa à qual ele é chamado pelo evangelho é simplesmente o exercício da fé, o que ele tem a

[12] Ibidem, pág. 203.

[13] Ibidem, pág. 295ss

[14] Loco Citato

obrigação e é ordenado a fazer, através da ordem e da promessa de Deus.

Cabem aqui alguns comentários sobre esse conceito do que significa a pregação do evangelho.

Em primeiro lugar, devemos observar que o antigo evangelho exposto por Owen não contém menos plena e gratuita oferta de salvação do que sua contraparte moderna. Ele apresenta ampla base para a fé (a suficiência de Cristo e a promessa de Deus), além de motivos coerentes para a fé (a necessidade do pecador e a ordem dada pelo Criador, a qual é também o convite do Redentor). O novo evangelho nada ganha, quanto a esse particular, por asseverar uma redenção universal. O antigo evangelho certamente não tem espaço para sentimentalismos baratos, que transformem a livre misericórdia divina aos pecadores em um amolecimento constitucional de Sua parte, que possamos tomar por certo; e nem tolera a apresentação degradadora de Cristo como um Salvador perplexo, frustrado naquilo que Ele esperava fazer, devido à incredulidade humana; e nem cai indulgentemente em apelos sentimentais aos não-convertidos, para que deixem Cristo salvá-los, por terem piedade de Seu desapontamento. O Salvador digno de dó e o Deus patético dos púlpitos modernos eram desconhecidos no antigo evangelho.

O antigo evangelho diz aos homens que eles precisam de Deus, e não que Deus precisa deles (uma falsidade moderna); nem os exorta a terem compaixão de Cristo. Antes, anuncia que Cristo tem misericórdia deles, embora a misericórdia seja a última coisa que eles mereçam. Jamais perde de vista a majestade divina e o poder soberano do Cristo ao qual proclama, mas antes, rejeita categoricamente todas as descrições de Cristo que tendam por obscurecer a Sua livre onipotência. Será que isso significa, entretanto, que o pregador do antigo evangelho sente-se inibido ou está confinado ao oferecimento de Cristo aos homens, e em convidá-los para que O recebam? De forma nenhuma. Na verdade, justamente devido ao fato que o pregador reconhece que a misericórdia divina é

livre e soberana, ele encontra-se em uma posição de dar muito mais valor à oferta de Cristo, em sua pregação, do que o expositor do novo evangelho. Pois essa oferta, por si mesma, é algo muito mais maravilhoso, em seus princípios fundamentais, do que jamais poderia sê-lo aos olhos daqueles que consideram o amor a todos os pecadores como uma necessidade da natureza de Deus, e, portanto, algo implícito.

E pensar que o santo Criador, que nunca necessitou do homem para a Sua felicidade, que poderia com toda a razão ter banido a nossa raça caída para sempre, sem misericórdia, no entanto, escolheu redimir alguns dentre os homens! e que o Seu próprio Filho dispôs-se a experimentar a morte e descer ao inferno a fim de salvá-los! e que agora, de Seu trono, Ele fala a homens ímpios, conforme Ele o faz nas palavras do evangelho, exortando-os através do mandamento de se arrependerem e crerem, sob a forma de um convite compassivo para terem compaixão de si mesmos e de preferirem a vida! Esses pensamentos são os focos em torno dos quais revolve a pregação do antigo evangelho. Tudo é realmente maravilhoso, exatamente porque nada disso pode ser contado como algo que acontece automaticamente. Mas, talvez, a maior maravilha de todas — o ponto mais santo em todo o terreno sagrado da verdade do evangelho — seja o convite gratuito que "o Senhor Cristo" (conforme Owen gostava de chamá-Lo) faz reiteradamente a pecadores culpados, para que venham a Ele e achem descanso para as suas almas. A grande glória desses convites é que eles são feitos pelo próprio Rei onipotente, da mesma maneira que faz parte da glória central do Cristo entronizado o fato que Ele condescende em continuar a fazer esse convite.

E faz parte da glória do ministério do evangelho que o pregador dirija-se aos homens na qualidade de embaixador de Cristo, encarregado de entregar pessoalmente o convite do Rei, a cada pecador presente, convocando-os todos a se voltarem para Deus e viverem. O próprio Owen demora-se nessa passagem endereçada aos não-convertidos.

"Considerai a infinita condescendência e amor de Cristo, em seus convites e chamamentos para que você venha a Ele, a fim de receber vida, livramento, misericórdia, graça, paz e salvação eterna. Multidões desses convites e chamamentos estão registrados nas Escrituras, e todos eles são alimentados com aqueles benditos encorajamentos que a sabedoria divina sabe que são apropriados a pecadores perdidos e convictos de pecado... De acordo com a declaração e pregação deles, Jesus Cristo continua buscando os pecadores, chamando-os, convidando-os e encorajando-os para que venham a Ele.

"Isto representa a palavra que Ele agora vos dirige: Por que quereis morrer? por que quereis perecer? por que não tendes compaixão de vossas próprias almas? Podem vossos corações resistir, ou podem vossas mãos ser suficientemente fortes, no dia da ira, que já se aproxima? ... Olhai para Mim, e sede salvos; vinde a Mim, e eu vos livrarei de todos os vossos pecados, tristezas, temores, fardos e darei descanso às vossas almas. Vinde, eu vos rogo; deixai de lado toda a procrastinação, todas as demoras; não continueis a rejeitar-Me; a eternidade está às portas... não Me odieis de tal modo que prefirais perecer, ao invés de receberdes o livramento através de Mim.

"Essas e outras coisas o Senhor Cristo continuamente declara, proclama, roga e urge diante das almas dos pecadores... Ele o faz na pregação da Palavra, como se estivesse presente convosco, estando entre vós, falando pessoalmente a cada um em particular... Ele designou os ministros do evangelho para estarem diante de vós, para tratarem convosco em lugar dEle, considerando como Seus os convites feitos em Seu nome. (Ver II Co. 5:19-20)." [15]

Esses convites são *universais*. Cristo dirige-os a pecadores; e cada indivíduo, que acredita que Deus é veraz, está na obrigação de tratá-los como palavras de Deus a ele dirigidas pessoalmente, aceitando a segurança universal que acompanha tais convites, no

[15] *Works* (Obras), I, pág. 422

sentido de que todos quantos vierem a Cristo serão recebidos. Além disso, esses convites são *reais;* Cristo oferece-se genuinamente a todos quantos escutam o evangelho; Ele é, na verdade, o perfeito Salvador de todos quantos nEle confiam. A questão da extensão da expiação não surge dentro da pregação evangelística; pois a mensagem a ser anunciada é simplesmente esta — que Jesus Cristo, o Senhor soberano, o qual morreu pelos pecadores, agora convida gratuitamente os pecadores para que venham a Ele. Deus ordena a todos que se arrependam e creiam; Cristo promete vida e paz a todos quantos assim o fizerem. E ainda, esses convites são *maravilhosamente graciosos;* os homens os desprezam e rejeitam, e jamais são dignos dos mesmos, em todo e qualquer caso. A despeito disso, Cristo continua a fazer tais convites. Ele não precisa fazê-lo, mas mesmo assim o faz. "Vinde a mim... e eu vos darei descanso. .." Essa continua sendo a Sua palavra ao mundo, jamais cancelada, sempre precisando ser pregada. Aquele cuja morte garantiu a salvação de todo o Seu povo, deve ser proclamado por toda a parte como o perfeito Salvador, e todos os homens são convidados e exortados a confiarem nEle, sem importar quem eles sejam ou o que têm sido. O evangelismo do antigo evangelho está alicerçado sobre esses três discernimentos.

É um engano supor que a pregação evangelística que se alicerça sobre esses princípios tem de ser anêmica e desanimada, em comparação com o que os arminianos podem fazer. Aqueles que estudam os sermões impressos de dignos expositores do evangelho, tais como João Bunyan (cuja pregação o próprio Owen tanto admirava), ou Whitefield, ou Spurgeon, descobrem que, de fato, eles proclamam o Salvador e convocam a Ele os pecadores com uma plenitude, um calor, uma intensidade e uma força abaladora sem iguais na literatura religiosa protestante. Ao analisar descobre-se que o elemento que emprestava à pregação deles o poder sem par de avassalar os seus ouvintes, proporcionando alegria ao coração contrito ante as riquezas da graça de Deus — e que continua transmitindo esse poder, mesmo no caso dos seus leitores modernos endurecidos — era a insistência deles sobre o fato de que a graça

divina é *gratuita.* Eles sabiam que as dimensões do amor divino não são compreendidas nem pela metade enquanto a pessoa não perceber que Deus não precisava ter escolhido alguém para a salvação e nem ter dado o Seu Filho para morrer; e nem precisava Cristo tomar sobre Si mesmo a condenação, vicariamente, para redimir homens, e nem precisava convidar indiscriminadamente aos pecadores para virem a Ele, conforme Ele o faz, porquanto todo o trato gracioso de Deus com os homens origina-se inteiramente do próprio livre propósito dEle. Sabendo disso, eles frisavam o fato, e era essa saliência que punha a pregação evangelística deles em uma classe toda especial e própria. Outros evangélicos, possuidores de uma mais superficial e menos adequada teologia da graça, têm posto a ênfase central de sua pregação do evangelho sobre a necessidade que os pecadores têm de perdão, ou paz, ou poder, podendo adquirir essas coisas tomando uma "decisão em favor de Cristo". Não pode ser negado que a pregação desses últimos tem produzido frutos (porquanto Deus usa a Sua verdade, mesmo quando imperfeitamente exposta e misturada com o erro), embora esse tipo de evangelismo sempre esteja sujeito à crítica, por estar por demais centralizado no homem e por ser beato. Porém, tem cabido (necessariamente) a pregadores calvinistas, e àqueles outros, como os irmãos Wesley, que voltam à maneira calvinista de pensar, logo que iniciam um sermão dirigido a pessoas não-convertidas, à pregação do evangelho de uma maneira que ressalta, acima de tudo o mais, o amor gratuito, a condescendência bem disposta, a longanimidade paciente e a infinita gentileza do Senhor Jesus Cristo. E, sem dúvida nenhuma, essa é a maneira mais bíblica e edificante de pregar; pois os convites evangelísticos, dirigidos aos pecadores, nunca honram a Deus e exaltam tanto a Cristo, e nem se mostram tão poderosos para despertar e confirmar a fé, do que quando se dá o peso que convém à livre onipotência da misericórdia divina como sua fonte de origem. Ao que parece, os pregadores do antigo evangelho são as únicas pessoas cuja posição teológica lhes permite fazer justiça à revelação da bondade divina, no livre oferecimento de Cristo aos pecadores.

Acresça-se a isso que o antigo evangelho salvaguarda valores que são perdidos pelo novo evangelho. Já pudemos ver que o novo evangelho, ao asseverar uma redenção universal e um propósito divino salvador universal, é forçado a desvalorizar a graça e a cruz ao negar que o Pai e o Filho são soberanos na salvação; porquanto assegura que depois do Pai e de Cristo terem feito tudo quanto podem ou desejariam fazer, em última análise depende da própria escolha do indivíduo se o propósito salvatício de Deus cumprir-se-á neles ou não. Essa posição, pois, produz dois efeitos infelizes. O primeiro é que nos compele a compreender mal o significado dos graciosos convites de Cristo no evangelho, sobre os quais temos falado; pois agora temos de lê-los não como expressões da terna paciência de um todo-poderoso soberano, mas como os apelos patéticos de um desejo impotente. E assim, o entronizado Senhor é subitamente metamorfoseado em uma débil e fútil figura, a bater desconsoladamente à porta do coração humano, o qual Ele não é capaz de abrir. Essa é uma vergonhosa desonra para o Cristo do Novo Testamento. E a segunda implicação é igualmente séria. Pois esse ponto de vista na verdade nega que dependemos de Deus, quando se trata de decisões vitais, arrebatando-nos para fora de Sua mão, dizendo-nos que aquilo que somos, afinal de contas, é aquilo que o pecado nos ensinou a pensar que éramos — senhores de nosso destino, capitães de nossas próprias almas. E isso serve tão-somente para solapar os próprios alicerces do relacionamento religioso do homem com o seu Criador.

Em face disso, dificilmente nos podemos admirar que os convertidos sob o novo evangelho com tanta freqüência se mostrem irreverentes e irreligiosos, porque essa é a tendência natural dessa modalidade de ensino.

O antigo evangelho, todavia, fala de modo muito diferente, e revela uma tendência inteiramente diferente. Por um lado, ao expor a necessidade que o homem tem de Cristo, ele salienta algo que o novo evangelho ignora totalmente — que os pecadores não podem obedecer ao evangelho, tal como não podem obedecer à lei, sem um coração renovado. E, por outro lado, ao declarar o poder de Cristo

para salvar, proclama-O como o autor e principal agente da conversão, a qual vem através do Seu Espírito, à medida em que o evangelho é proclamado, a fim de renovar os corações dos homens e atraí-los a Si mesmo. Em consonância com isso, ao aplicar a mensagem, o antigo evangelho, enquanto destaca que a fé faz parte dos deveres do homem, também, salienta o fato de que a fé não está dentro do poder do homem, pelo contrário, salienta que o homem depende de Deus como fonte da fé que Ele próprio exige. Assim, o antigo evangelho não anuncia meramente que os homens *devem* vir a Jesus Cristo para receberem a salvação, mas também que eles *não podem* fazê-lo, a menos que o próprio Cristo os atraia. Assim sendo, o antigo evangelho labora para derrubar a confiança própria do homem, convencendo os pecadores que a salvação deles está inteiramente fora do seu controle, levando-os a depender, em autodesespero, da gloriosa graça de um Salvador soberano, não somente quanto à retidão mas também quanto à fé.

Não é provável, por conseguinte, que um pregador do antigo evangelho sinta-se feliz em expressar a aplicação do mesmo sob a forma que requeira uma "decisão para Cristo", conforme a expressão é correntemente usada. Pois, por um lado, essa frase envolve associações erradas. Sugere a idéia de estar colocando alguém em um cargo, no qual a pessoa entra por meio de um voto — um ato no qual o candidato não desempenha qualquer papel, além daquele de oferecer-se à eleição, e então tudo é resolvido pela escolha independente do eleitor. No entanto, não elegemos o Filho de Deus como nosso Salvador, e nem Ele permanece passivo, enquanto os pregadores fazem uma campanha em Seu favor, obtendo apoio para a Sua causa. Não devemos pensar no evangelismo como uma espécie de eleição política. Por outro lado, essa frase obscurece a própria coisa que é essencial ao arrependimento e à fé — a negação do próprio "eu" numa aproximação pessoal a Cristo. Não é de forma alguma óbvio que decidir-se *ao lado* de Cristo seja a mesma coisa que vir a Ele, descansar nEle e abandonar o pecado e o esforço próprio. Soa antes como algo que envolve menos, e por isso tende a instilar nos ouvintes noções defeituosas daquilo que o evangelho realmente

requer dos pecadores. Portanto, "decidir-se ao lado de Cristo" não é uma expressão feliz e acertada, sob qualquer ponto de vista.

Diante da pergunta: Que devo fazer para ser salvo? o antigo evangelho responde: Crê no Senhor Jesus Cristo. Para a seguinte pergunta: O que significa crer no Senhor Jesus Cristo? a resposta é: Significa reconhecer-se como pecador, e que Cristo morreu pelos pecadores; abandonar toda a justiça própria e toda a autoconfiança, e lançar-se inteiramente em Seus braços para receber o perdão e a paz; significa trocar a inimizade natural e rebelião do homem contra Deus por um espírito de grata submissão à vontade de Cristo, através da renovação do próprio coração, por meio do Espírito Santo. E ainda diante desta outra pergunta: Como poderei arrepender-me e crer em Cristo, se não tenho a capacidade natural para fazer essas coisas? o antigo evangelho retruca: Olhe para Jesus Cristo, fale com Cristo, clame a Cristo, tal como você é; confesse o seu pecado, a sua impenitência, a sua incredulidade, e fique na dependência da Sua misericórdia, rogando-Lhe que lhe conceda um novo coração, que opere em você verdadeiro arrependimento e fé firme; peça-Lhe que retire o seu maldoso coração de incredulidade e que escreva em seu interior a Sua lei, a fim de que, dali em diante, você nunca mais se desvie dEle. Volte-se para Ele e confie nEle, de todo o seu coração, pedindo graça para voltar-se e confiar mais completamente. Use os meios de graça com toda a expectação, olhando para Cristo para que Ele se aproxime de você conforme você procura aproximar-se dEle. E também vigie, ore, leia e ouça a Palavra de Deus, adore-O e tenha comunhão com o Seu povo, e assim prossiga até que você tenha a certeza, sem qualquer sombra de dúvida, de que realmente você é um ser transformado, um crente arrependido, e que o novo coração que você almeja já lhe foi outorgado. A ênfase desse conselho recai sobre a necessidade de invocar a Cristo diretamente, a cada passo que tiver de ser dado.

"*Não te cause a consciência mais demora,*
*Nem leve ao doce sonho ou ilusão;*

*O que Ele quer, até mesmo agora*
*É que O anseies em teu coração."*

Portanto, não adie sua busca até pensar que está em melhores condições, mas confesse honestamente a sua pecaminosidade, e entregue-se agora mesmo a Cristo, o Único que pode torná-lo uma nova criatura. Espere nEle até que a Sua luz raie em sua alma, conforme as Escrituras prometem que sucederá. Qualquer coisa que envolva menos do que essa maneira direta de tratar com Cristo é uma desobediência ao evangelho. Esse é o exercício do espírito para o qual o antigo evangelho convoca os seus ouvintes. "Creio. Ajuda-me na minha incredulidade", deve ser o grito da alma dos pecadores. O antigo evangelho é proclamado na firme confiança de que o Cristo acerca de quem ele testifica, o Cristo que é o real comunicador quando os convites bíblicos para se confiar nEle são expostos e aplicados, não está esperando passivamente que o homem tome a decisão mediante a pregação da Sua Palavra. Ao contrário, continua onipotentemente ativo, trabalhando com e através da Palavra de Deus, para atrair o Seu povo à fé em Sua pessoa. A pregação do novo evangelho, por outro lado, com freqüência é descrita como a tarefa de "conduzir homens a Cristo" — como se somente os homens se movessem, ao passo que Cristo permanece estático. No entanto, a tarefa da pregação do antigo evangelho poderia ser mais apropriadamente descrita como o ato de conduzir Cristo aos homens, pois aqueles que o pregam sabem que enquanto eles se esforçam por retratar Cristo diante dos olhos dos homens, o todo-poderoso Salvador a quem eles proclamam está realizando Sua obra por meio das palavras deles, visitando pecadores com a salvação, despertando-os para a fé, atraindo-os misericordiosamente a Ele.

Esse evangelho mais antigo e original é aquele que Owen queria ensinar-nos: o evangelho da graça soberana de Deus, em Cristo, como o autor e consumador da fé e da salvação. Esse é o único evangelho que pode ser pregado com base nos princípios expostos por Owen. E aqueles que tiverem provado o seu sabor, jamais haverão de procurar outro evangelho. Nessa questão de

pregar o evangelho e nele crer, tal como em outras coisas, as palavras de Jeremias continuam tendo perfeita aplicação: "Assim diz o Senhor: Ponde-vos à margem no caminho e vede, perguntai pelas veredas antigas, qual é o bom caminho; andai por ele e achareis descanso para as vossas almas..." (Jr. 6:16). Não seria ruim, nem para nós e nem para a Igreja, sentirmo-nos barrados, tal como Owen queria barrar-nos, de aceitar esse moderno evangelho, o qual pretende substituir o antigo.

Poderíamos dizer mais. Porém, continuar seria exceder os limites de um ensaio introdutório. As observações anteriores foram feitas simplesmente para mostrar quão importante é, no tempo presente, que atentemos cuidadosamente à análise de Owen sobre o que a Bíblia diz acerca da obra salvadora de Jesus Cristo.

## III

*A Morte da Morte* é uma obra sólida, composta de exposição detalhada e de argumentos incontestáveis, requerendo estudo árduo, conforme Owen plenamente percebia; um exame superficial de pouco adiantará. ("Leitor... se você, tal como muitos outros desta época pretensiosa, é um *leitor de cabeçalhos,* e toma conhecimento de obras como as de Catão através de peças teatrais, contentando-se com isso — então você já se divertiu. Adeus!") [16] Owen sentia, entretanto, que tinha o direito de exigir estudo árduo, pois o seu livro era o produto de trabalho árduo ("uma inquirição séria de mais de sete anos... na mente de Deus, acerca dessas coisas, com um exame sério de tudo o quanto pude conseguir daquilo que a habilidade humana, nos dias antigos e mais recentes, tem publicado em oposição à verdade") [17] ; e ele tinha a certeza, em sua mente, de

[16] Opening Words, "To the Reader" (Introdução, "Ao Leitor")

[17] The Death of Death in The Death of Christ (A Morte da Morte na Morte de Cristo), pág. 37.

que não fizera o estudo exaustivo do assunto. ("Não tenho total desesperança de sucesso; mas estou plenamente resolvido de que não viverei para ver uma resposta sólida ao assunto.") [18] A passagem do tempo tem servido apenas para justificar o seu otimismo. [19]

***

[18] Ibidem, pág. 44.

[19] Nota do editor: Maiores detalhes sobre as obras contemporâneas à de Owen serão dadas no Volume Condensado de "A Morte da Morte na Morte de Cristo", a ser editado futuramente.